

Tradução do russo de CN, 06.02.2010 (edição provisória)

História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)

Breve curso

Sob redacção da comissão do CC do PCU(b)

Aprovado pelo CC do PCU(b)

1938

Capítulo VIII

O partido dos bolcheviques no período da intervenção militar estrangeira e da Guerra Civil (1918-1920)

1. O início da intervenção militar estrangeira. O primeiro período da guerra civil.

A assinatura da paz de Brest-Litovsk e o reforço do Poder Soviético, em resultado do conjunto de medidas revolucionárias e económicas adoptadas num momento em que a guerra nas frentes ocidentais estava ainda no auge, provocaram grande alarme entre os imperialistas da Europa ocidental e, sobretudo, nos países da Entente.

Os imperialistas da Entente receavam que a paz entre a Alemanha e a Rússia facilitasse a situação militar da Alemanha e dificultasse em consequência a situação dos exércitos da Entente. Receavam seguidamente que a assinatura da paz entre a Rússia e a Alemanha aumentasse os anseios de paz em todos os países e em todas as frentes, comprometendo assim a causa da guerra, a causa dos imperialistas. Receavam finalmente que a existência do Poder Soviético num território tão imenso como o da Rússia e os seus êxitos, obtidos na sequência do derrubamento do poder da burguesia, pudessem constituir um exemplo contagioso para os operários e soldados do Ocidente, profundamente descontentes com o arrastamento da guerra e passíveis, na senda dos russos, de apontar as baionetas contra os seus amos e opressores. Por todas estas razões os governos da Entente decidiram desencadear uma intervenção militar contra a Rússia para derrubar o Poder Soviético e instaurar um poder burguês, que restabeleceria o regime capitalista no país, anularia o tratado de paz com os alemães e reconstituiria a frente militar contra a Alemanha e a Áustria.

Os imperialistas da Entente empreenderam de bom grado este trabalho sujo, tanto mais que estavam convencidos da debilidade do Poder Soviético e não duvidavam da sua rápida derrocada caso os seus inimigos envidassem determinados esforços.

Os êxitos e o fortalecimento do Poder Soviético provocaram alarme ainda maior nas fileiras das classes derrubadas, os latifundiários e os capitalistas, nas fileiras dos partidos derrotados, os *kadetes*, mencheviques, socialistas-revolucionários, anarquistas e nacionalistas burgueses de todos os matizes, e nas fileiras dos generais brancos, da oficialidade cossaca, etc..

Desde os primeiros dias da vitória da Revolução de Outubro que todos estes elementos hostis clamavam do alto das torres sineiras que o Poder Soviético não encontraria terreno propício na Rússia, que estava condenado, que se afundaria inevitavelmente dentro de uma ou duas semanas, num mês ou, quanto muito, em dois ou três meses. Mas como continuava a existir e a fortalecer-se apesar das imprecações, os seus inimigos dentro da Rússia foram obrigados a reconhecer que o Poder Soviético era muito mais forte do que haviam pensado e que para derrubá-lo seriam necessários sérios esforços e uma luta encarniçada de todas as forças da contra-revolução. Por isso decidiram levar a cabo um amplo trabalho insurreccional de concentração das forças da contra-revolução, formação de quadros militares e organização de revoltas, antes de mais, nas regiões dos cossacos e dos kulaques.

Deste modo, logo na primeira metade de 1918, formaram-se duas forças definidas prontas a lutar pelo derrubamento do Poder Soviético: os imperialistas estrangeiros da Entente e a contra-revolução no interior da Rússia.

Nenhuma destas forças possuía as capacidades suficientes para derrubar o Poder Soviético por sua própria iniciativa. A contra-revolução interna tinha alguns quadros militares, bem como um certo número de efectivos indispensáveis para desencadear a insurreição contra o Poder Soviético, principalmente nas camadas superiores dos cossacos e nos kulaques. Mas não tinha nem dinheiro nem armamento. Os imperialistas estrangeiros, pelo contrário, tinham dinheiro e armas mas não podiam «libertar» a quantidade necessária de tropas para a intervenção, não só porque necessitavam delas para a guerra com a Alemanha e a Áustria, mas também porque podiam revelar-se pouco fiáveis na luta contra o Poder Soviético.

As condições da luta contra os Sovietes ditaram a união de ambas as forças anti-soviéticas, externas e internas. Esta união verificou-se na primeira metade de 1918.

Assim se constituiu a intervenção armada estrangeira contra o Poder Soviético, apoiada pelas revoltas contra-revolucionárias dos seus inimigos dentro da Rússia.

Assim terminou a trégua e começou a guerra civil na Rússia, isto é, a guerra dos operários e camponeses dos povos da Rússia contra os inimigos externos e internos do Poder Soviético.

Os imperialistas da Inglaterra, França, Japão e Estados Unidos iniciaram a intervenção sem declaração prévia, apesar de esta constituir uma guerra da pior espécie contra a Rússia. Secreta e furtivamente, estes bandidos «civilizados» acercaram-se do território russo e desembarcaram as suas tropas.

Os anglo-franceses desembarcaram no Norte da Rússia, ocuparam Arkhánguelsk e Múrmansk, apoiaram ali a revolta dos guardas brancos, derrubaram o Poder dos Sovietes e formaram o «governo do Norte da Rússia» de guardas brancos.

Os japoneses desembarcaram em Vladivostok, invadiram a Província Marítima, dissolveram os Sovietes e apoiaram os guardas brancos rebeldes que depois restauraram o regime burguês.

No Cáucaso do Norte, os generais Kornílov, Alekséiev¹ e Deníkine, apoiados pelos ingleses e franceses, organizaram o «exército voluntário» de guardas brancos, provocaram uma revolta das elites cossacas e iniciaram uma campanha contra os Sovietes.

Na região do Don, os generais Krasnov e Mámontov,² apoiados secretamente pelos imperialistas alemães (estes evitaram o apoio aberto devido ao tratado de paz entre a Alemanha

¹ Mikhail Vassílievitch Alekséiev (1857-1918), general de infantaria, designado chefe do estado-maior do comando supremo após a abdicação do tsar, fundou o exército voluntário no Cáucaso do Norte a partir de finais de 1917, o qual dirigiu, na companhia de Kornílov e Deníkine, até falecer em Setembro do ano seguinte. (*N. do T.*)

² Konstantine Konstantínovitch Mámontov (1869-1920), tenente-general, abandonou a frente logo após a Revolução de Outubro e instalou-se com uma brigada numa estação ferroviária da região do Don, onde forma em Janeiro de 1918 um destacamento contra-revolucionário. Em 1919 entra em disputa com Deníkine e Wrangel pela liderança das tropas rebeldes, mas sucumbe a um ataque de tifo. (*N. do T.*)

e a Rússia), desencadearam uma revolta dos cossacos do Don, ocuparam a região e iniciaram a campanha contra os Sovietes.

No Médio Volga e na Sibéria, as manobras dos anglo-franceses conduziram à organização da revolta do corpo de exército checoslovaco. Este corpo, composto por prisioneiros de guerra, tinha sido autorizado pelo governo soviético a regressar ao seu país através da Sibéria e do Extremo Oriente. Porém, durante o percurso, os socialistas-revolucionários e anglo-franceses utilizaram-no para uma revolta contra o Poder Soviético. A sublevação deste corpo de exército foi o sinal para a revolta dos kulaques do Volga e da Sibéria e dos operários das fábricas de Vótkinsk e Ijevsk sob a influência dos socialistas-revolucionários. Na bacia do Volga foi formado o governo de guardas brancos e socialistas-revolucionários de Samara. Em Omsk, o governo dos guardas brancos da Sibéria.

A Alemanha não participou nesta intervenção do bloco anglo-franco-japonês-norte-americano, nem o podia fazer, mais que não seja porque estava em guerra com este bloco. Porém, apesar desta circunstância e da existência de um tratado de paz entre a Rússia e a Alemanha, nenhum bolchevique duvidava de que o governo alemão do kaiser Guilherme I era um inimigo tão feroz do País dos Sovietes como os intervencionistas ingleses, franceses, japoneses e norte-americanos. E de facto os imperialistas alemães fizeram o possível e o impossível para isolar, enfraquecer e destruir o País dos Sovietes. Arrancaram a Ucrânia à Rússia Soviética – é verdade que o fizeram na base de um «tratado» com a Rada da Ucrânia –, a pedido da Rada dos guardas brancos introduziram as suas tropas na Ucrânia e começaram a saquear e oprimir desumanamente o povo ucraniano, proibindo todo o tipo de contactos com a Rússia Soviética. Arrancaram a Transcaucásia à Rússia, introduziram tropas alemãs e turcas, a pedido dos nacionalistas georgianos e azeris, e começaram a administrar Tiflis e Baku. Embora secretamente, apoiaram por todos os meios no Don o general rebelde Krasnov contra o Poder Soviético, fornecendo-lhe armas e provisões.

A Rússia Soviética ficou assim isolada das suas principais fontes de víveres, matérias-primas e combustíveis.

Neste período, a vida na Rússia Soviética tornou-se difícil. Escasseava o pão. Escasseava a carne. A fome atormentava os operários. Em Moscovo e Petrogrado recebiam um oitavo de pão em cada dois dias. Por vezes não havia nenhum pão para distribuir. As fábricas estavam praticamente paralisadas por falta de matérias-primas e combustíveis. Mas a classe operária e o partido bolchevique não desanimaram. As dificuldades inauditas deste período e a luta desesperada para a enfrentar mostraram a energia inesgotável que a classe operária encerra e quão grande e incomensurável é a força da autoridade do partido bolchevique.

O partido declarou o país um campo de guerra e reorganizou a sua vida económica, política e cultural ao modo militar. O governo soviético declarou que «*a pátria socialista está em perigo*» e chamou o povo à resistência. Lénine lançou a palavra de ordem: «*Tudo para a frente!*», e centenas de milhares de operários e camponeses alistaram-se como voluntários no Exército Vermelho e foram para a frente. Cerca de metade dos membros do partido e da juventude comunista foram para a frente. O partido mobilizou o povo para a guerra patriótica contra a invasão da intervenção estrangeira e contra as rebeliões das classes exploradoras derrubadas pela revolução. O Conselho da Defesa Operária e Camponesa, organizado por Lénine, dirigiu o reforço da frente com homens e o seu abastecimento de víveres, equipamentos e armas. A passagem do regime de voluntariado para o serviço militar obrigatório trouxe ao Exército Vermelho novos reforços de centenas de milhares de homens, atingindo-se em pouco tempo um milhão de efectivos.

Apesar da difícil situação do país e da juventude do Exército Vermelho, que não estava ainda consolidado, as medidas de defesa adoptadas permitiram alcançar os primeiros êxitos palpáveis. O general Krasnov foi repellido em Tsarítsine, cuja conquista considerava estar garantida, e forçado a recuar para lá do Don. As acções do general Deníkin foram delimitadas a uma

pequena região do Cáucaso do Norte e o general Kornílov foi morto em combate frente ao Exército Vermelho. Os checoslovacos e os bandos de socialistas-revolucionários e guardas brancos foram expulsos de Kazan, Simbirsk e Samara e repelidos para os Urais. Em Iaroslav foi esmagada a rebelião do guarda branco Sávinkov,³ organizada pelo chefe da missão inglesa em Moscovo, Lockhart, que foi detido. Os socialistas-revolucionários, que tinham assassinado os camaradas Urítski e Volodárski e perpetrado o celerado atentado contra a vida de Lénine, foram sujeitos ao terror vermelho e irradiados de todos os pontos com alguma importância da Rússia central em resposta ao seu terror branco.

Nas batalhas contra o inimigo, o jovem Exército Vermelho temperava-se e robustecia-se.

Os comissários comunistas que trabalhavam no Exército Vermelho tiveram um papel decisivo no fortalecimento do Exército, na sua educação política e no aumento da sua capacidade de combate e da sua disciplina.

O partido bolchevique compreendia que estes eram apenas os primeiros êxitos do Exército Vermelho e que não eram decisivos. Sabia que teria pela frente novas batalhas mais sérias e que o país só poderia recuperar as regiões perdidas, as fontes de víveres, de matérias-primas e de combustível, depois de longos e duros combates com o inimigo. Por isso os bolcheviques começaram a preparar-se intensivamente para uma guerra longa, decidindo colocar toda a retaguarda ao serviço da frente. O governo soviético instaurou o *comunismo de guerra*. Para além da grande indústria, o Poder dos Sovietes colocou igualmente sob seu controlo a pequena e média indústria, visando constituir reservas de artigos de consumo geral para abastecer o exército e o campo. Estabeleceu o monopólio do comércio do trigo, proibiu o comércio privado de cereais e introduziu um sistema de contingentação de produtos agrícolas de forma a registar todos os excedentes de produtos alimentares na posse dos camponeses, constituir reservas de trigo e abastecer de víveres o Exército e os operários. Por fim decretou o trabalho obrigatório para todas as classes. Compelindo a burguesia a participar no trabalho físico obrigatório e libertando desse modo operários para outros trabalhos de maior importância para a frente, o Partido aplicou o princípio de «*quem não trabalha, não come*».

Todo este sistema de medidas com carácter provisório, exigidas pelas condições extraordinariamente difíceis da defesa do país, foi designado comunismo de guerra.

O país preparava-se para uma longa e dura guerra civil contra os inimigos externos e internos do Poder Soviético. Era preciso triplicar os efectivos do exército até finais de 1918. Era preciso constituir reservas para abastecer este exército.

Nesses dias Lénine assinalou:

«*Decidimos ter um exército de um milhão de homens para a Primavera, agora precisamos de um exército de três milhões de homens. Nós podemos tê-lo. E vamos tê-lo.*»⁴

³ Boris Viktorovitch Sávinkov (1879-1925), socialista-revolucionário desde 1903, integrou a organização armada deste partido dirigindo vários atentados terroristas. Após a revolução de Fevereiro apoiou a continuação da guerra e tornou-se comissário do Governo Provisório na frente Sudoeste. Expulso do seu partido em 1917, participou na criação do exército voluntário branco e fundou em Moscovo a União de Defesa da Pátria e da Liberdade que se propunha derrubar o Poder Soviético. Para além de Iaroslav, organizou rebeliões em várias outras cidades. Depois da guerra civil prosseguiu a sua actividade anti-soviética no estrangeiro, onde se avista com Mussolini, entre outros. Em 1924 é capturado na fronteira entre a Polónia e a URSS. É condenado a dez anos de prisão, onde vem a falecer. (*N. do T.*)

⁴ «Carta à reunião conjunta do Comité Executivo Central de Toda a Rússia e do Soviete de Moscovo com representantes dos comités de fábrica e de empresa e dos sindicatos», 3 de Outubro de 1918, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1969, Tomo 37, pág. 99. (*N. do T.*)

2. A derrota militar da Alemanha. A revolução alemã. A fundação da III Internacional. O VIII Congresso do partido.

Ao mesmo tempo que o País dos Sovietes se preparava para novos combates contra os intervencionistas estrangeiros, no Ocidente, na retaguarda e nas frentes dos países beligerantes, tinham lugar acontecimentos decisivos. A Alemanha e a Áustria sufocavam às garras da guerra e da crise de alimentos. Enquanto a Inglaterra, França e Estados Unidos mobilizavam constantemente novas reservas, a Alemanha e a Áustria esgotavam os seus últimos parques reforços e em breve seriam derrotadas tal a situação em que se encontravam.

Simultaneamente, na Alemanha e na Áustria crescia a indignação popular contra aquela guerra interminável e destruidora, contra os respectivos governos imperialistas, que tinham levado o povo à exaustão e à fome. Reflectia-se aqui igualmente a enorme influência revolucionária da Revolução de Outubro, a fraternização de soldados soviéticos e austro-alemães na frente ainda antes da paz de Brest-Litovsk e depois o impacto do próprio fim da guerra e da conclusão da paz com a Rússia Soviética. O exemplo da Rússia, onde o povo conseguira pôr fim à odiosa guerra pela via do derrube do seu próprio governo imperialista, foi uma lição para os operários austro-alemães. Por seu lado, os soldados alemães da frente Leste, que após a paz de Brest foram transferidos para a frente Oeste, só podiam desestabilizar as tropas com os seus relatos das fraternizações com os soldados soviéticos e do modo como estes se tinham livrado da guerra. Pelas mesmas razões, o exército austríaco começou a desagregar-se ainda antes do alemão.

Todas estas circunstâncias acentuaram o anseio de paz nas tropas alemãs e enfraqueceram a sua capacidade combativa, fazendo-as começar a recuar sob a pressão dos exércitos da Entente. Entretanto, em Novembro de 1918, eclodiu na própria Alemanha a revolução que derruba Guilherme I e o seu governo.

A Alemanha foi forçada a reconhecer a derrota e a pedir a paz à Entente.

Deste modo, a Alemanha, potência de primeira ordem, foi subitamente reduzida à condição de potência de segunda categoria.

Do ponto de vista do Poder Soviético esta circunstância teve um certo impacto negativo, uma vez que transformou os estados da Entente, organizadores da intervenção contra o Poder Soviético, na força dominante na Europa e na Ásia, abrindo-lhes a possibilidade de intensificar a intervenção, organizar o bloqueio e apertar ainda mais o nó que estrangulava o Poder dos Sovietes. E foi precisamente isto que aconteceu como adiante veremos. Mas, por outro lado, houve um impacto positivo muito mais importante, que melhorou radicalmente a situação do País dos Sovietes. Em primeiro lugar o Poder Soviético ficou em condições de poder anular o leonino tratado de paz de Brest-Litovsk, suspender o pagamento das indemnizações de guerra e conduzir abertamente a luta no terreno militar e político para libertar a Estónia, a Letónia, a Bielorrússia, a Lituânia, a Ucrânia e a Transcaucásia do jugo do imperialismo alemão. Em segundo lugar – e isto era o principal – a existência de um regime republicano e de Sovietes de deputados operários e soldados no centro da Europa, na Alemanha, teria de revolucionar, e de facto revolucionou, os países europeus, o que reforçaria necessariamente a situação do Poder Soviético na Rússia. É verdade que a revolução alemã era burguesa e não socialista e que os Sovietes eram um instrumento dócil do parlamento da burguesia, uma vez que eram dominados pelos sociais-democratas, conciliadores do mesmo tipo dos mencheviques russos, o que de resto explica a fraqueza da revolução. Esta fraqueza é bem demonstrada, por exemplo, pelo facto de ter permitido o assassinato impune de revolucionários tão destacados como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht pelos guardas brancos alemães. Mas apesar disso era uma revolução, o kaiser tinha sido derrubado e os operários libertaram-se das suas grilhetas, o que só por si teria necessariamente de desencadear a revolução no Ocidente e não podia deixar de provocar o afluxo da revolução nos países europeus.

Na Europa teve início um ascenso revolucionário. Na Áustria, o movimento revolucionário alargava-se. A República dos Sovietes foi proclamada na Hungria. Na base desta onda revolucionária emergiram os partidos comunistas da Europa.

Surgiu um terreno real para a unificação dos partidos comunistas na III Internacional, a Internacional Comunista.

Em Março de 1919, no I Congresso de Partidos Comunistas de vários países, em Moscovo, é fundada a Internacional Comunista, por iniciativa de Lénine e dos bolcheviques. Apesar de o bloqueio e as perseguições dos imperialistas terem impedido muitos delegados de chegar a Moscovo, neste I Congresso participaram representantes dos mais importantes países da Europa e da América. O congresso foi dirigido por Lénine.

No seu relatório sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado, Lénine realçou o significado do Poder Soviético como democracia autêntica para os trabalhadores. O congresso aprovou o Manifesto ao Proletariado Internacional, que apelou à luta decidida pela ditadura do proletariado e pela vitória dos Sovietes em todos os países.

O congresso constituiu o Comité Executivo da Internacional Comunista (CEIC), o órgão executivo da III Internacional.

Foi assim fundada a organização proletária revolucionária internacional de novo tipo, a Internacional Comunista, a Internacional marxista-leninista.

Numa situação plena de contradições – de um lado, o reforço do bloco reaccionário dos estados da Entente contra o Poder Soviético, do outro, o afluxo revolucionário na Europa, principalmente nos países derrotados na guerra, que aliviava fortemente a situação do País dos Sovietes – teve lugar, em Março de 1919, o VII Congresso do partido bolchevique.

No congresso participaram 301 delegados com voz deliberativa, representando 313 766 militantes, e 102 delegados com voz consultiva.

Abrindo o congresso, Lénine começou por evocar a memória de I.M. Sverdlov, falecido na véspera, como um dos melhores organizadores do partido bolchevique.

O congresso aprovou o novo programa do partido, que procedeu à caracterização do capitalismo e do seu estágio superior – o imperialismo; comparou os dois sistemas de estado: o sistema democrático-burguês e o sistema soviético; e apontou em pormenor as tarefas concretas do partido na sua luta pelo socialismo: concluir a expropriação da burguesia, dirigir a economia do país de acordo com um plano socialista único, integrar os sindicatos na organização da economia nacional, aplicar a disciplina socialista do trabalho, utilizar os especialistas na economia nacional sob o controlo dos órgãos soviéticos, incorporar gradual e sistematicamente o campesinato médio no trabalho da edificação socialista.

O VIII Congresso aprovou a proposta de Lénine de, a par da definição do imperialismo como fase superior do capitalismo, manter a descrição do capitalismo industrial e da economia mercantil simples, que figurava já no anterior programa aprovado no II Congresso do partido. Lénine considerava necessário levar em conta no programa a complexidade da economia russa e assinalar a existência de diferentes formações económicas, incluindo a pequena produção mercantil representada pelo camponês médio. Por isso, na discussão do programa, Lénine interveio resolutamente contra os pontos de vista antibolcheviques de Bukhárine, que pretendia eliminar do texto os pontos relativos ao capitalismo, à pequena produção mercantil e à economia do campesinato médio. Os pontos de vista de Bukhárine reflectiam a negação menchevique-trotskista da importância do camponês médio para a edificação soviética. Ao mesmo tempo, Bukhárine escamoteava o facto de, a partir da pequena economia mercantil camponesa, terem surgido e estarem em crescimento os elementos kulaques.

Lénine rebateu igualmente os pontos de vista antibolcheviques de Bukhárine e Piátakov sobre a questão nacional contrários à inclusão no programa do direito de autodeterminação e da igualdade de direitos das nações, sob o pretexto de que, alegadamente, esta palavra de ordem

dificultaria a vitória da revolução proletária e a união dos proletários das diferentes nacionalidades. Lênine refutou estas perniciosas concepções chauvinistas de grande potência de Bukhárine e Piátakov.

Um importante lugar nos trabalhos do VIII Congresso do partido foi dado à questão da atitude para com os camponeses médios. Em resultado do célebre decreto sobre a terra, o campo era dominado cada vez mais pelas camadas médias, que agora constituíam a maioria da população camponesa. O estado de espírito e o comportamento dos camponeses médios, que vacilaram entre a burguesia e o proletariado, tinham uma enorme importância para os destinos da guerra civil e da edificação socialista. O desenlace da guerra civil dependia em grande parte do lado para o qual o camponês médio se inclinaria e de que classe seria capaz de o atrair: o proletariado ou a burguesia? No Verão de 1918, os checoslovacos, guardas brancos, kulaques, socialistas-revolucionários e os mencheviques lograram derrubar o Poder Soviético na região do Volga porque tiveram o apoio de uma parte considerável dos camponeses médios. O mesmo aconteceu nas revoltas organizadas pelos kulaques na Rússia central. Mas a partir do Outono de 1918 operou-se uma viragem no estado de espírito das massas de camponeses médios para o lado do Poder Soviético. O campesinato percebeu que a vitória dos brancos trazia atrás de si a restauração do poder dos latifundiários e a retirada da terra aos camponeses, as pilhagens, os açoitamentos e as torturas. A mudança do estado de espírito dos camponeses deveu-se também à actividade dos comités de camponeses pobres, que destroçaram os kulaques. A este propósito, em Novembro de 1918, Lênine formulou a seguinte palavra de ordem:

«*Saber chegar a acordo com os camponeses médios – não renunciar nem por um minuto à luta contra os kulaques e apoiar-se firmemente apenas nos camponeses pobres.*»⁵

É certo que as vacilações do campesinato médio não tinham cessado totalmente, mas este estava mais próximo do Poder Soviético e começou a apoiá-lo com mais firmeza, o que foi em grande parte resultado da política definida pelo VIII Congresso do Partido.

O VIII Congresso constituiu um momento de viragem na política do partido para o campesinato médio. O relatório de Lênine e as resoluções do congresso definiram uma nova linha, segundo a qual as organizações e todos os comunistas deveriam distinguir e separar com rigor o campesinato médio dos kulaques e atraí-lo para o lado da classe operária, mostrando-se atentos às suas necessidades. Era preciso combater o atraso dos camponeses médios por via da persuasão e de modo algum através de medidas coercivas ou da violência. Nesse sentido, o congresso definiu a orientação de promover iniciativas socialistas no campo (criação de comunas, cooperativas agrícolas) sem recurso à coacção. Nos casos em que fossem tocados os interesses vitais dos camponeses médios deveria chegar-se a um entendimento prático, fazer concessões na definição dos *modos* de realização das transformações socialistas. O congresso propôs seguir uma política de *aliança sólida* com os camponeses médios, mantendo o *papel dirigente* do proletariado nesta aliança.

A nova política para o campesinato médio proclamada por Lênine no VIII Congresso exigia que o proletariado se apoiasse nos camponeses pobres, estabelecesse uma aliança sólida com os camponeses médios e combatesse os kulaques. Até ao VIII Congresso, o partido tinha seguido essencialmente uma política de *neutralização* dos camponeses médios, o que significava que o objectivo era conseguir que o camponês médio não se colocasse do lado dos kulaques e da burguesia em geral. Mas agora isso era insuficiente. O VIII Congresso passou da política de neutralização à política de *aliança sólida* com os camponeses médios para combater os guardas brancos e a intervenção estrangeira, mas também para assegurar o êxito da edificação do socialismo.

⁵ «As valiosas confissões de Pitirim Soróchine», publicado no *Pravda*, n.º 242, de 21 de Novembro de 1918, V.I. Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1969, Tomo 37, pág. 195. (*N. do T.*)

A linha adoptada pelo VIII Congresso em relação à massa fundamental do campesinato, os camponeses médios, teve um papel decisivo no desenlace vitorioso da guerra civil contra a intervenção estrangeira e os guardas brancos seus lacaios. No Outono de 1919, quando foi preciso escolher entre o Poder Soviético e Deníkine, o campesinato apoiou os Sovietes e a ditadura proletária venceu o seu mais perigoso inimigo.

Particular atenção foi dada no congresso à questão da organização do Exército Vermelho. Manifestou-se então a chamada «oposição militar», que reunia um número considerável de antigos «comunistas de esquerda», embora também incluísse quadros do partido, descontentes com a direcção que Trótski no exército, que nunca tinham participado em qualquer oposição. A maioria dos delegados militares estava ostensivamente contra Trótski, contra a sua admiração pelos especialistas militares do velho exército tsarista, parte dos quais havia traído durante a guerra civil, contra a atitude arrogante e hostil de Trótski para com os velhos quadros bolcheviques do exército. Foram referidos exemplos concretos «das práticas» de Trótski quando tentou fuzilar uma série de responsáveis comunistas na frente apenas porque lhe eram indesejáveis, favorecendo assim o inimigo. Só os protestos dos quadros militares e a intervenção do Comité Central puderam evitar a morte desses camaradas.

Embora lutasse contra os desvios de Trótski à política militar do partido, a «oposição militar» defendia no entanto concepções erradas numa série de questões relativas à organização do exército. Lénine e Stáline refutaram resolutamente as suas posições em defesa dos resquícios de anarquia no exército e hostis à criação de um Exército Vermelho regular, à utilização de especialistas militares e à disciplina férrea sem a qual um verdadeiro exército não pode existir. Na sua resposta à «oposição militar», o camarada Stáline exigiu a formação de um exército regular, impregnado do mais rigoroso espírito de disciplina.

«Ou criamos um verdadeiro exército operário-camponês, predominantemente camponês, um exército rigorosamente disciplinado, e defendemos a república ou desapareceremos.»⁶

Ao mesmo tempo que rejeitou uma série de propostas da «oposição militar», o congresso atacou Trótski, exigindo a melhoria do trabalho das instituições militares centrais e o reforço do papel dos comunistas no exército.

Em resultado do trabalho da comissão militar constituída no congresso chegou-se a uma resolução unânime sobre a questão militar.

As decisões do VIII Congresso sobre a questão militar fortaleceram o Exército Vermelho e aproximaram-no do partido.

De seguida o congresso discutiu a questão da organização do partido e dos Sovietes, tendo rebatido a posição do grupo oportunista de Saprónov⁷-Ossínski, que negava o papel dirigente do partido no trabalho dos Sovietes.

Finalmente, devido ao enorme afluxo de novos membros, o congresso aprovou uma resolução sobre o melhoramento da composição social do partido e a realização de um novo registo.

Este foi o início da primeira depuração das fileiras do partido.

⁶ «Extractos do discurso sobre a questão militar no VIII Congresso do PCR(b)», 21 de Março de 1919, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1947, Tomo 4, pág. 250. (*N. do T.*)

⁷ Timofei Vladímirovitch Saprónov, verdadeiro apelido Chirokov, (1887-1937), membro do POSDR desde 1912, do CC (1921-22) bolchevique, fundador do sindicato dos operários da construção civil, foi presidente do Soviete de Moscovo (1917-1919) e participou na libertação de Khárkov dos brancos. Vice-presidente do Conselho Superior da Economia Nacional (1921-24) e presidente do Conselho dos Sindicatos de Toda a União (1923-24) foi um dos líderes da facção do «centralismo democrático» (1920-21) e apoiou a «oposição de esquerda». Em 1927 é expulso do partido e deportado. Preso em 1935 é condenado a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

3. A intensificação da intervenção. O bloqueio do País dos Sovietes. A campanha de Koltchak e a sua derrota. A derrota da campanha de Deníkine. A trégua de três meses. O IX Congresso do partido.

Com a Alemanha e a Áustria derrotadas, os estados da Entente decidiram lançar importantes forças militares contra o País dos Sovietes. Após a derrota e retirada das tropas alemãs da Ucrânia e da Transcaucásia, os anglo-franceses ocuparam o seu lugar, deslocando as suas armadas para o Mar Negro e desembarcando tropas em Odessa e na Transcaucásia. A brutalidade dos invasores era tal que não hesitavam em fuzilar grupos inteiros de operários e camponeses nos territórios ocupados. No final, já com o Turquestão ocupado, a desfaçatez dos invasores, ajudados pelos socialistas-revolucionários, chegou ao ponto de capturarem 26 dirigentes bolcheviques de Baku, nomeadamente os camaradas Chaumian,⁸ Fiolétoy,⁹ Djaparidzé,¹⁰ Malíguine,¹¹ Azizbékov, Korganov¹² e outros. Transportaram-nos para lá do Cáspio e fuzilaram-nos.

Passado algum tempo, os intervencionistas declararam o *bloqueio* à Rússia. Foram cortadas todas as vias de comunicação marítimas e outras com o mundo exterior.

O País dos Sovietes ficou quase completamente cercado.

A Entente depositava então as suas principais esperanças no almirante Koltchak,¹³ o seu protegido de Omsk, na Sibéria. Koltchak foi proclamado «regente supremo da Rússia». Toda a contra-revolução ficou sob as suas ordens.

A frente Leste tornou-se assim a principal frente de combate.

Tendo reunido um enorme exército, na Primavera de 1919, Koltchak avançou quase até ao Volga. Os bolcheviques opuseram-lhe as suas melhores forças, mobilizaram jovens comunistas e

⁸ Stepáne Grigórievitch Chaumian (1878-1918), membro do POSDR desde 1900, presidente do Comité de Baku do partido, comissário do povo para os Assuntos do Cáucaso, foi fuzilado em 20 Setembro de 1918 no grupo dos «26 comissários de Baku», após a queda da cidade nas mãos dos brancos em 31 de Julho de 1918. (*N. do T.*)

⁹ Ivan Timoféievitch Fiolétoy (1884-1918), membro do POSDR(b) desde 1900, do comité de Baku (desde 1904), presidente do Sindicato dos Operários da Indústria petrolífera. Foi um dos «26 comissários» fuzilados pelos intervencionistas ingleses. (*N. do T.*)

¹⁰ Prokopii Aprassinovitch Djaparidzé (1880-1918), membro do partido desde 1898, do CC desde 1917, presidente do Comité Executivo de Baku do partido, comissário dos Assuntos Internos do governo de Baku. Foi um dos «26 comissários» fuzilados em 20 de Setembro de 1918, sob ordens do major-general Wilfred Malleison, comandante do corpo intervencionista britânico. (*N. do T.*)

¹¹ Ivan Vassílievitch Malíguine (1887-1918), membro do partido desde 1905, do Comité Militar Revolucionário do Cáucaso (1917), membro do colégio do comissariado da marinha de Guerra de Baku. Foi um dos «26 comissários» fuzilados em 20 de Setembro de 1918, sob ordens do major-general Wilfred Malleison, comandante do corpo intervencionista britânico.

¹² Grigóri Nikolaiévitch Korganov (1886-1918), aderiu ao movimento revolucionário em 1905, destacado combatente pela instauração do poder soviético no Cáucaso, presidente do Comité Militar Revolucionário do Exército do Cáucaso, integrou o governo revolucionário como comissário da Marinha de Guerra. Foi um dos «26 comissários» fuzilados em 20 de Setembro de 1918, sob ordens do major-general Wilfred Malleison, comandante do corpo intervencionista britânico. (*N. do T.*)

¹³ Aleksandr Vassílievitch Koltchak (1874-1920) almirante da armada imperial, dirigiu o movimento contra-revolucionário no Leste da Rússia. Após a Revolução de Outubro ingressa no exército britânico e nessa qualidade participa na formação de forças militares brancas na Manchúria. Comandante dos exércitos brancos da Sibéria auto-intitula-se regente supremo da Rússia em Novembro de 1918. Após ser derrotado, em Dezembro de 1919, é capturado e fuzilado pelo Exército Vermelho. (*N. do T.*)

operários. Em Abril de 1919, o Exército Vermelho infligiu uma séria derrota a Koltchak. Pouco depois, as suas tropas começaram a recuar em toda a frente.

No auge das operações ofensivas do Exército Vermelho na frente Leste, Trótski propôs um plano suspeito: parar diante dos Urais, suspender a perseguição dos koltchakistas e transferir as tropas do Leste para a frente Sul. O CC do partido rejeitou tal plano e deu instruções para a continuação da ofensiva, compreendendo perfeitamente que Koltchak poderia refazer as suas forças nos Urais e na Sibéria e colocar-se novamente de pé com a ajuda dos japoneses e dos ingleses. Trótski pediu a demissão discordando desta directiva. O CC não a aceitou, mas ao mesmo tempo determinou o afastamento imediato de Trótski da direcção das operações na frente Leste. O Exército Vermelho prosseguiu a ofensiva contra Koltchak com renovado vigor, infligindo-lhe uma série de novas derrotas e libertando os Urais e a Sibéria, onde as forças soviéticas eram apoiadas por um poderoso movimento de guerrilheiros, formado na retaguarda dos brancos.

No Verão de 1919, os imperialistas incumbiram o general Iudénitch,¹⁴ que se tornara líder da contra-revolução na frente Noroeste (na região do Báltico perto de Petrogrado), da missão de desviar a atenção do Exército Vermelho da frente Leste, lançando um ataque sobre Petrogrado. Sob a influência da agitação contra-revolucionária de antigos oficiais, a guarnição de dois fortes nos arredores da cidade sublevou-se contra o Poder Soviético. Na mesma altura foi descoberta uma conspiração contra-revolucionária no estado-maior da frente. O inimigo ameaçava Petrogrado. Mas as medidas tomadas pelo Poder Soviético, com o apoio dos operários e dos marinheiros, permitiram libertar os fortes dos brancos e infligir uma derrota às tropas de Iudénitch que retiraram para a Estónia.

A derrota de Iudénitch junto a Petrogrado facilitou a luta contra Koltchak, cujo exército foi definitivamente destroçado em finais de 1919. Koltchak foi preso e fuzilado em Irkutsk por sentença do Comité Revolucionário.

Terminou assim o caso de Koltchak.

Na Sibéria, o povo cantava o seguinte refrão sobre Koltchak:

*Uniforme inglês,
Dragonas francesas,
Tabaco japonês
Regente de Omsk.*

*O uniforme gastou-se
As dragonas caíram
O tabaco fumou-se
E o regente acabou-se.*

Vendo goradas as esperanças que tinham depositado em Koltchak, os intervencionistas mudaram o plano de agressão contra a República dos Sovietes. Em Odessa, o desembarque das tropas teve de ser suspenso, uma vez que os soldados dos intervencionistas foram contaminados pelo espírito revolucionário ao contactarem com as tropas soviéticas e iniciaram rebeliões contra os seus chefes imperialistas, como foi o caso dos marinheiros franceses dirigidos por André

¹⁴ Nikolai Nikoláievitch Iudénitch (1862-1933), general de infantaria (1915), foi o principal líder da contra-revolução no Noroeste da Rússia. Em 1918 emigrou para a Finlândia, a seguir para a Estónia, onde em Julho de 1919 encabeçou o exército de guardas brancos do Noroeste que atacou Petrogrado, integrando igualmente o governo do Noroeste formado em colaboração com a Grã-Bretanha. Após o fracasso da campanha contra Petrogrado (Out.-Nov. de 1919), emigra para a Inglaterra e depois para França onde falece. (*N. do T.*)

Marty.¹⁵ Tendo isto em conta, após a derrota de Koltchak, a Entente concentrou a sua atenção no general Deníkine, companheiro de armas de Kornílov e organizador do «exército voluntário». Naquela altura, Deníkine combatia o Poder Soviético na região do Kuban, no Sul da Rússia. A Entente forneceu o seu exército com uma grande quantidade de armas e munições e impeliu-o para Norte, contra o poder dos Sovietes.

Deste modo, a frente Sul tornou-se a principal frente de combate.

Deníkine iniciou a sua grande campanha contra o Poder Soviético no Verão de 1919. Trótski havia desorganizado o trabalho na frente Sul e as tropas soviéticas sofriam derrota atrás de derrota. Em meados de Outubro, os brancos dominavam toda a Ucrânia, tinham tomado Oriol e estavam perto de Tula, cidade que abastecia o Exército Vermelho de munições, espingardas e metralhadoras. Os brancos aproximavam-se de Moscovo. A situação da República Soviética tornou-se muito grave. O partido fez soar o alarme e chamou o povo à resistência. Lénine lançou a palavra de ordem «*Todos à luta contra Deníkine!*». Animados pelos bolcheviques, os operários e os camponeses fizeram todos os esforços para esmagar o inimigo.

Para organizar a derrota de Deníkine, o Comité Central do partido enviou para a frente Sul os camaradas Stáline, Vorochílov, Ordjonikídize e Budiónni.¹⁶ Trótski foi afastado da direcção das operações do Exército Vermelho no Sul. Até à chegada do camarada Stáline, o comando da frente Sul tinha elaborado um plano, em conjunto com Trótski, segundo o qual o ataque principal contra Deníkine seria feito de Tsarítsine para Novorossiisk, através das estepes do Don, onde o Exército Vermelho encontraria caminhos impraticáveis e deveria atravessar regiões povoadas por cossacos, parte considerável dos quais estava então sob a influência dos guardas brancos. O camarada Stáline fez uma crítica demolidora a este plano e propôs ao Comité Central que o ataque principal se fizesse pela linha de Khárkov-Donbass-Rostov. Este plano assegurava uma deslocação rápida das tropas uma vez que atravessariam regiões operárias e camponesas claramente amistosas. Além disso, a existência de uma ampla rede ferroviária permitia um abastecimento regular do exército. Por fim, este plano permitia libertar o Donbass e garantir o abastecimento do país com combustível.

O Comité Central aprovou o plano do camarada Stáline. Na segunda quinzena de Outubro de 1919, depois de uma encarniçada resistência, Deníkine foi derrotado pelo Exército Vermelho nos combates decisivos travados perto de Oriol e de Vorónej. Deníkine recuou rapidamente e partiu para o Sul com as tropas soviéticas no seu encalço. No início de 1920 todas as regiões da Ucrânia e do Cáucaso do Norte foram libertadas dos brancos.

Enquanto se travavam estes combates decisivos, os imperialistas voltaram a lançar o corpo de Iudénitch contra Petrogrado, com vista a desviar forças vermelhas da frente Sul e diminuir a pressão sobre as tropas de Deníkine. Os brancos alcançaram as imediações da cidade. O heróico

¹⁵ André Marty (1886-1956) entrou para a Marinha em 1908, onde se torna engenheiro mecânico (1917) e desenvolve actividade revolucionária ligada à *SFIO*. Em 1919, a bordo do contra-torpedeiro «Protet», organiza um motim de marinheiros que exigiam ser desmobilizados uma vez que a guerra tinha terminado. Condenado a 20 anos de trabalhos forçados, torna-se um símbolo do recém criado Partido Comunista Francês. Na URSS, os operários da Fábrica *Dinamo* elegem-no para o Soviete de Moscovo. Amnistiado em 1923, adere ao PCF, é eleito para o CC e torna-se deputado na Assembleia Nacional. Em 1935 é eleito para o *presidium* e secretário do *Komintern*, onde trabalha até à sua dissolução em 1943. Participa até ao fim na Guerra Civil de Espanha. Em 1952, acusado de ser um informador da polícia, é expulso do partido. Nos últimos anos de vida aproximou-se dos anarquistas e dos trotskistas. (*N. do T.*)

¹⁶ Semión Mikháilovitch Budiónni (1883-1973), membro do partido desde 1919, do CC (1934-52), candidato (1952-54). Participou na guerra russo-nipónica e na I Guerra. Foi o fundador do primeiro Exército de Cavalaria da URSS. Recebeu as mais altas condecorações pelos serviços prestados na Guerra Civil. Comandante da Região Militar de Moscovo em 1937, integra o Estado-Maior durante a II Guerra e comanda várias frentes até 1942. Em 1954 é aposentado. (*N. do T.*)

proletariado de Petrogrado ergueu-se em defesa da primeira cidade da revolução. Como sempre, os comunistas estiveram na primeira linha. Em resultado de encarniçados combates, os brancos foram destroçados e novamente repelidos para a Estónia, fora das fronteiras da Rússia.

Terminou assim também o caso de Denikine.

Depois da derrota de Koltchak e de Denikine sobreveio uma curta trégua.

Percebendo que as tropas dos guardas brancos estavam destroçadas, que a intervenção fracassara e o Poder Soviético se fortalecia em todo o país, ao mesmo tempo que na Europa ocidental a guerra contra a República dos Sovietes suscitava crescente indignação nos operários, os imperialistas começaram a mudar de atitude para com o Estado Soviético. Em Janeiro de 1920, a Inglaterra, a França e a Itália decidiram levantar o bloqueio à Rússia Soviética.

Uma brecha importantíssima abriu-se no muro da intervenção.

Naturalmente que isto não significava que o Estado Soviético tivesse logrado o fim da intervenção e da guerra civil. Havia ainda a ameaça de um ataque por parte da Polónia imperialista e faltava expulsar definitivamente os intervencionistas do Extremo Oriente, da Transcaucásia e da Crimeia. Não obstante, o país dos Sovietes tinha obtido uma trégua provisória e podia dirigir mais forças para a construção da economia. O partido podia ocupar-se dos problemas económicos.

Durante a guerra civil, muitos operários qualificados tinham abandonado a produção devido ao encerramento das fábricas e empresas. Agora o partido reintegrava os operários qualificados na produção para que pudessem trabalhar nas suas especialidades. Vários milhares de comunistas foram encarregados da recuperação dos transportes, cuja situação era muito difícil. Sem o restabelecimento dos transportes não se podia iniciar seriamente a reconstrução dos ramos fundamentais da indústria. Também o abastecimento de víveres foi reforçado e melhorado. Iniciou-se a elaboração de um plano de electrificação da Rússia. Cinco milhões de homens continuavam no Exército Vermelho e por enquanto não era possível desmobilizá-los devido à ameaça de guerra. Por isso algumas unidades do Exército Vermelho foram convertidas em *exércitos de trabalho* para participarem na construção da economia. O Conselho da Defesa Operária e Camponesa foi transformado em Conselho do Trabalho e da Defesa (*STO*). Para o apoiar foi criada a Comissão do Plano de Estado (*Gosplan*).

Foi neste contexto que, no final de Março de 1920, se iniciaram os trabalhos do IX Congresso do partido.

No congresso participaram 554 delegados com voto deliberativo, representando 611 978 membros do partido. Com voto consultivo participaram 162 delegados.

O congresso definiu os objectivos económicos imediatos do país, no domínio dos transportes e da indústria, e indicou em particular a necessidade de os sindicatos participarem na construção da economia.

Especial atenção foi dada ao plano económico único, que previa em primeiro lugar a recuperação dos transportes, do sector dos combustíveis e da metalurgia. Neste plano, o papel central foi atribuído à electrificação de toda a economia nacional, proposta apresentada por Lénine como «*um grande programa para 10-20 anos*», na sequência da qual foi depois elaborado o célebre plano *GOELRO*,¹⁷ cujos objectivos estão hoje largamente ultrapassados.

O congresso repudiou o grupo antipartido do «centralismo democrático», que interveio contra o princípio da direcção única e da responsabilidade pessoal dos dirigentes das empresas industriais, defendendo a «colegialidade» ilimitada e a imputabilidade na direcção da indústria. O principal papel neste grupo antipartido foi desempenhado por Saprónov, Ossínski e V. Smírnov.¹⁸ Ríkov e Tómski¹⁹ apoiaram-nos no congresso.

¹⁷ *GOERLO*, acrónimo russo de Comissão Estatal para a Electrificação da Rússia. (*N. do T.*)

¹⁸ Vladímir Mikhaílovitch Smírnov (1887-1937), participante na revolução de 1905-07, adere ao partido em 1907. Em Outubro de 1917 é um dos dirigentes da revolta armada em Moscovo. Em 1918 torna-se Comissário

4. Agressão dos senhores polacos contra o País dos Sovietes. A investida do general Wrangel. O fiasco do plano polaco. A derrota de Wrangel. O fim da intervenção.

Apesar da derrota de Koltchak e de Deníkine e do facto de o País dos Sovietes ter alargado constantemente o seu território libertando dos brancos e dos intervencionistas o *Krai* do Norte, o Turquestão, a Sibéria, o Don, a Ucrânia, etc., os estados da Entente, não obstante terem sido forçados a levantar o bloqueio à Rússia, não se conformavam com a ideia de que o Poder Soviético se revelara indestrutível e que era o vencedor. Por isso decidiram apostar numa nova tentativa de intervenção, utilizando desta vez, por um lado, o nacionalista contra-revolucionário burguês, Pilsudski,²⁰ o chefe de facto do Estado polaco, por outro, o general Wrangel,²¹ que tinha reunido na Crimeia os restos do exército de Deníkine e ameaçava o Donbass e a Ucrânia.

A Polónia dos *pans*²² e Wrangel eram, segundo a expressão de Lénine, os dois braços do imperialismo internacional que tentavam estrangular o País dos Sovietes.

Os polacos tinham o seguinte plano: ocupar a parte da Ucrânia Soviética situada à direita do Dniepre, anexar o território Soviético da Bielorrússia, restaurar nessas regiões o poder dos *pans* polacos, estender as fronteiras do Estado polaco «de mar a mar», isto é, de Danzig²³ até Odessa, e, em troca da ajuda de Wrangel, prometiam auxiliá-lo a destruir o Exército Vermelho e a restaurar o poder dos latifundiários e dos capitalistas na Rússia Soviética.

Este plano foi aprovado pelos estados da Entente.

As diligências do governo soviético para entabular conversações com a Polónia com vista a manter a paz e impedir a guerra foram infrutíferas. Pilsudski não queria falar de paz. Pilsudski queria a guerra. Esperava que o Exército Vermelho, cansado das batalhas com Koltchak e Deníkine, não resistisse às tropas polacas.

A breve trégua chegou ao fim. Em Abril de 1920, as tropas polacas invadiram a Ucrânia Soviética e ocuparam a cidade de Kíev. Em simultâneo, Wrangel passou à ofensiva e começou a ameaçar o Donbass.

do Povo da Indústria e Comércio. Entre outros postos, integra o *presidium* do *Gosplan*. Em 1927, no XV Congresso é expulso e enviado para os Urais. Em 1935 é preso enquanto líder de uma organização contra-revolucionária clandestina. Em 1937 é julgado e condenado a fuzilamento. (*N. do T.*)

¹⁹ Mikhaíl Pávlovitch Tómski, verdadeiro apelido Efrémov, (1880-1936), membro do partido desde 1904, do CC entre 1919-1934, (candidato a partir de 1934), membro do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Conselho de Sindicatos da URSS entre 1919 e 1921 e 1922 e 1929. Aproxima-se da «Oposição de Direita» no final dos anos 20. Suicida-se após o seu nome ter sido evocado no julgamento de Zinóviev e Kámenev em 1936. (*N. do T.*)

²⁰ Józef Klemens Pilsudski (1867-1935), nacionalista polaco, preso em 1887 pela preparação de um atentado contra o tsar Alexandre III. Aderiu ao Partido Socialista Polaco (PSP) em 1892. Na revolução de 1905-07 opôs-se à acção conjunta do proletariado polaco e russo e criou grupos de combate terroristas. Forma em 1906 a facção nacionalista no PSP. Comandou a Legião Polaca que combateu na Rússia ao lado dos austro-húngaros. Em 1918 foi proclamado «ditador do Estado» com o apoio da ala direita do PSP. Reprimiu o movimento revolucionário e instaurou por golpe militar em 1926 o regime de «sanatório», mantendo-se quase até à morte na liderança do país. (*N. do T.*)

²¹ Piotr Nikolaiévitch Wrangel (1878-1928), de origem nobre, tenente-general (1917), fixa-se na Crimeia em 1918 onde se junta ao exército voluntário branco. Em Abril de 1920 é escolhido como comandante-em-chefe do chamado exército russo da Crimeia. Após a derrota na Táurida do Norte e na Crimeia cruza a fronteira levando consigo uma parte do exército. (*N. do T.*)

²² *Pans*, assim eram designados os nobres feudais polacos. *Pan* significa senhor em polaco. (*N. do T.*)

²³ Danzig, nome alemão da cidade polaca de Gdansk durante a dominação germânica (1793-1945). (*N. do T.*)

Em resposta ao ataque das tropas polacas, o Exército Vermelho lançou uma contra-ofensiva em toda a frente. Depois de libertar a cidade de Kíev e de expulsar os *pans* polacos da Ucrânia e da Bielorrússia, o ímpeto ofensivo das tropas vermelhas da frente Sul fê-las chegar até às portas de Lvov, na Galícia, enquanto as tropas da frente ocidental se aproximavam de Varsóvia. O exército dos *pans* polacos estava à beira da derrota total.

Mas as acções suspeitas de Trótski e dos seus partidários no quartel-general comprometeram o êxito do Exército Vermelho. Por culpa de Trótski e de Tukhatchevski²⁴ a ofensiva das tropas vermelhas da frente ocidental em direcção a Varsóvia desenvolveu-se de modo totalmente desorganizado: não foi dado tempo às tropas para fortificarem as posições conquistadas, as unidades avançadas isolaram-se, deixando demasiado longe na retaguarda as reservas e as munições, o que as privou de reforços e abastecimentos, e a linha da frente foi excessivamente prolongada, o que facilitou a sua ruptura. Em consequência de tudo isto, quando um pequeno grupo de tropas polacas rompeu a frente Oeste num dos seus pontos, as tropas vermelhas ficaram sem munições e foram obrigadas a retirar. No que respeita às tropas da frente Sul, que pressionavam os polacos às portas de Lvov, o «presidente do Conselho Militar Revolucionário», Trótski, proibiu-as de tomar a cidade e ordenou-lhes que deslocassem o exército de cavalaria, isto é, a sua principal força, longe para Noroeste, supostamente para ajudar a frente Oeste, apesar de ser óbvio que a conquista de Lvov teria sido a única e a melhor ajuda possível à frente Oeste. Pelo contrário, a retirada do exército de cavalaria da frente Sul e o seu afastamento de Lvov significaram na prática o recuo das tropas vermelhas também na frente Sul. Deste modo, para gáudio dos *pans* polacos, as ordens perniciosas de Trótski traduziram-se num recuo incompreensível e totalmente injustificado da frente Sul.

Esta foi uma ajuda directa, não à nossa frente Oeste, mas aos *pans* polacos e à Entente.

Alguns dias depois a ofensiva das tropas polacas foi travada e o Exército Vermelho começou a preparar-se para um novo contra-ataque. Entretanto, não dispondo de forças para prosseguir a guerra e alarmada com o contra-ataque dos vermelhos, a Polónia viu-se obrigada a renunciar às suas ambições de conquista do território ucraniano à direita do Dniepre e da Bielorrússia, e preferiu concluir a paz com o governo soviético. A 20 de Outubro de 1920 foi assinado em Riga o tratado de paz com a Polónia segundo o qual esta conservava o território da Galícia e uma parte da Bielorrússia.

Concluída a paz com a Polónia, a República Soviética decidiu por fim a Wrangel, que tinha recebido armas modernas dos ingleses e dos franceses, carros blindados, tanques, aviões e equipamentos. Wrangel dispunha de unidades brancas de choque, formadas principalmente por oficiais, mas não logrou reunir forças de camponeses e de cossacos minimamente suficientes para engrossar as tropas de desembarque no Kuban e no Don. Mesmo assim conseguiu acercarse do Donbass, colocando sob ameaça os centros carboníferos do País dos Sovietes. A situação do Poder Soviético complicava-se porque o Exército Vermelho acusava nesta altura um grande cansaço. As tropas vermelhas avançavam em condições extremamente difíceis, atacando as

²⁴ Mikhail Nikoláievitch Tukhatchévski (1893-1937), membro do partido desde 1918, candidato do CC desde 1934. Chefe militar durante a Guerra Civil, é nomeado vice-comissário para os Assuntos Militares e Marítimos (1931-36), (Comissariado da Defesa a partir de 1934), marechal da União Soviética (1935). Preso em Maio de 1937, é julgado e condenado à morte por espionagem, traição e preparação de actos terroristas. (*N. do T.*)

tropas de Wrangel e destroçando ao mesmo tempo os bandos dos anarquistas-makhanovistas,²⁵ que ajudavam o general branco. Porém, as tropas soviéticas, apesar de não terem tanques e de Wrangel dispor de superioridade técnica, conseguiram expulsá-lo para a península da Crimeia. Em Novembro de 1920, as tropas vermelhas estabeleceram posições fortificadas em Perekop, irromperam na Crimeia, esmagaram as tropas de Wrangel e libertaram a península dos guardas brancos e dos intervencionistas. A Crimeia tornou-se soviética.

O fiasco dos planos imperialistas polacos e a derrota de Wrangel marcaram o fim do período da intervenção estrangeira.

Nos finais de 1920 iniciou-se a libertação da Transcaucásia do jugo dos nacionalistas burgueses mussavatistas,²⁶ no Azerbaijão, mencheviques-nacionalistas, na Geórgia, e dachnakes,²⁷ na Arménia. O Poder Soviético triunfou no Azerbaijão, na Arménia e na Geórgia.

Mas isto não significava ainda o fim completo da intervenção. No Extremo Oriente, a presença militar nipónica continuou até 1922. Além disso houve novas tentativas de organizar a intervenção (a do ataman Semiónov²⁸ e do barão Ungern,²⁹ no Oriente, e a intervenção branco-finlandesa na Carélia em 1921). Contudo, os principais inimigos do País dos Sovietes e as forças fundamentais da intervenção foram destruídos em finais de 1920.

A guerra dos intervencionistas estrangeiros e dos guardas brancos russos terminou com a vitória dos Sovietes.

A República Soviética defendeu a sua independência como Estado e a sua livre existência.

Este foi o fim da intervenção militar estrangeira e da guerra civil.

Esta foi uma vitória histórica do Poder Soviético.

²⁵ Néstor Ivánovitch Makhno (1889-1934) um dos cabecilhas da contra-revolução na Ucrânia durante a Guerra Civil. Aderiu a um grupo de anarquistas durante a revolução de 1905-07, participou em actos terroristas, sendo condenado em 1909 pelo assassinato de um polícia. Libertado pela revolução de Fevereiro, forma em Abril de 1918 um destacamento armado contra os ocupantes austro-húngaros. Combateu os brancos e os nacionalistas ucranianos de Petliúra, mas também o Exército Vermelho. Em 1921, as suas forças convertem-se em bandos de ladrões e assassinos. Em Agosto desse ano foge para a Roménia e vem mais tarde a instalar-se em França.

²⁶ Mussavatistas, membros do partido *Mussavat* («igualdade» em azeri), fundado clandestinamente em 1911. Em 1989 voltou a ressurgir no Azerbaijão onde ocupa um lugar minoritário no espectro político. (*N. do T.*)

²⁷ Dachnakes, membros do partido *Dachnaksutiun* («união» em arménio) fundado em 1890 em Tbilissi. Refundado na Arménia após a desintegração da URSS, é actualmente membro da Internacional Socialista. (*N. do T.*)

²⁸ Grigóri Mikháilovitch Semiónov (1890-1945), oficial do exército tsarista na I Guerra, foi designado comissário do Governo Provisório para a formação de divisões mongóis. Comandante de forças contra-revolucionárias durante a guerra civil, acaba derrotado na Primavera de 1921, após uma incursão em território soviético a partir da Manchúria. É capturado em 1945 na Manchúria pelas tropas soviéticas, julgado e condenado à morte como inimigo do povo soviético e colaborador dos agressores japoneses. (*N. do T.*)

²⁹ Roman Nikolai Maximilian von Ungern-Sternberg (1886-1921), descendente de uma linhagem de nobres alemães do Báltico, general do exército tsarista, foi um dos dirigentes da contra-revolução na região do Baikal e na Mongólia, onde se torna o ditador de facto em Fevereiro de 1921. Em Maio desse ano comanda uma incursão em território soviético que é derrotada. Capturado é condenado a fuzilamento pelo tribunal marcial. (*N. do T.*)

5. Como e porquê o País dos Sovietes venceu as forças coligadas da intervenção anglo-franco-nipónica-polaca e da contra-revolução da burguesia, latifundiários e guardas brancos na Rússia.

Se consultarmos a grande imprensa europeia ou americana do período da intervenção, constataremos sem dificuldade que nenhum autor proeminente, militar ou civil, nenhum especialista em assuntos militares acreditava na vitória do Poder Soviético. Pelo contrário, todos os autores conhecidos, todos os especialistas em assuntos militares, historiadores das revoluções de todos os países e povos, a quem chamamos homens de ciência, todos eles clamavam a uma só voz que os dias do Poder Soviético estavam contados, que a derrota do Poder Soviético era irreversível.

A sua convicção na vitória dos intervencionistas baseava-se no facto de o País dos Sovietes não poder dispor ainda do Exército Vermelho, então em formação, e que teria de criá-lo em pleno curso dos acontecimentos, enquanto os intervencionistas e os guardas brancos já possuíam um exército mais ou menos preparado.

Baseavam-se seguidamente no facto de o Exército Vermelho não possuir quadros militares experientes, uma vez que a maioria destes oficiais tinha passado para o campo da contra-revolução, enquanto os intervencionistas e os guardas brancos possuíam tais quadros.

Baseavam-se seguidamente no facto de o Exército Vermelho ter carência de armas e munições, em quantidade e qualidade, devido ao atraso da indústria de guerra da Rússia, sendo que não poderia recebê-las de outros países, uma vez que se encontrava bloqueada por todos os lados, enquanto o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos contavam com abundantes fornecimentos de armas, munições e equipamentos de primeira categoria.

Baseavam-se por fim no facto de o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos ocupar na altura as regiões mais ricas em víveres da Rússia, enquanto o Exército Vermelho estava privado destas regiões e sofria penúria de víveres.

Efectivamente todas estas insuficiências e carências verificavam-se nas unidades do Exército Vermelho.

A este respeito, e não só, os senhores intervencionistas tinham toda a razão.

Como explicar então que, com tantas insuficiências, o Exército Vermelho tenha conseguido derrotar o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos, que não as tinham?

1) O Exército Vermelho venceu porque a política do poder Soviético em nome da qual combatia era uma política justa, que correspondia aos interesses do povo, porque o povo, que tinha consciência e compreendia que esta política era justa, tomou-a como sua e apoiou-a até ao fim.

Os bolcheviques sabiam que um exército que luta em nome de uma política injusta, que não tem o apoio do povo, não pode vencer. Esse foi precisamente o caso dos intervencionistas e dos guardas brancos, um exército que tinha tudo: comandantes antigos e experientes, armamentos de primeira categoria, munições, equipamentos e víveres. Só lhes faltou uma coisa: o apoio e a simpatia dos povos da Rússia, que não queriam nem podiam apoiar a política antipopular dos «governantes» intervencionistas e guardas brancos. Por isso o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos foi derrotado.

2) O Exército Vermelho venceu porque foi fiel e dedicado até ao fim ao seu povo, pelo que este amava e apoiava o seu querido exército. O Exército Vermelho é uma criação do povo, e se lhe for fiel, como um filho é fiel à sua mãe, terá sempre o seu apoio e necessariamente vencerá. Pelo contrário, um exército que vá contra o seu povo será forçosamente derrotado.

3) O Exército Vermelho venceu porque o Poder Soviético conseguiu mobilizar toda a retaguarda, todo o país para servir os interesses da frente. Um exército sem uma retaguarda forte, que apoie por todos os meios a frente, está condenado à derrota. Os bolcheviques sabiam-

no e precisamente por isso transformaram todo o país num campo militar, que abastecia a frente de armas, munições, equipamentos, víveres e reforços.

4) O Exército Vermelho venceu porque: a) os soldados compreendiam os fins e os objectivos da guerra e estavam conscientes da sua justeza; b) a consciência da justeza dos fins e dos objectivos da guerra fortaleceu o seu espírito de disciplina e a sua combatividade; c) devido a isto as massas de soldados vermelhos deram amiúde provas no combate contra o inimigo de uma abnegação sem exemplo e de um inaudito heroísmo de massas.

5) O Exército Vermelho venceu porque o partido bolchevique foi núcleo dirigente da frente e da retaguarda do Exército Vermelho e se manteve unido, coeso e disciplinado, com a força do seu espírito revolucionário, pronto para qualquer sacrifício em prol da causa comum, demonstrando uma capacidade insuperável de organizar e dirigir judiciosamente as massas de milhões numa situação complexa.

«E só graças a que o partido se mantinha alerta» – afirmou Lénine – «a que o partido mantinha a mais rigorosa disciplina, e porque o prestígio do partido unia todos os departamentos e instituições, porque dezenas, centenas, milhares e no fim de contas milhões de homens seguiram como um só homem a palavra de ordem que foi lançada pelo CC, só porque foram consentidos inauditos sacrifícios, só por isso pôde produzir-se o milagre que se produziu. Só por isso estivemos em condições de vencer as campanhas, duas, três, quatro vezes repetidas, dos imperialistas da Entente e dos imperialistas de todo o mundo.»³⁰

6) O Exército Vermelho venceu porque: a) soube forjar nas suas fileiras chefes militares de novo tipo como Frúnze, Vorochilov, Budiónni e outros; b) porque nas suas fileiras combateram heróis inatos como Kotóvski,³¹ Tchapáiev,³² Lazó,³³ Chors,³⁴ Parkhómenko³⁵ e tantos outros; c) a educação política do Exército Vermelho foi conduzida por figuras como Lénine, Stáline, Mólotov,

³⁰ «Relatório do Comité Central ao IX Congresso do PCR(b)», 29 de Março de 1920, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, 1979, Tomo III, pág. 260. (*N. do T.*)

³¹ Grigóri Ivánovitch Kotóvski (1881-1925), membro do partido desde 1920, organizador de várias revoltas camponesas antes da revolução, tendo sido por isso condenado com a pena de morte em 1916, comutada em prisão perpétua. Libertado após a revolução de Fevereiro, adere aos socialistas-revolucionários, mas destaca-se como comandante do Exército Vermelho durante a Guerra Civil. Nomeado em 1925 vice-comissário da Defesa, foi assassinado durante as férias de Agosto, dias antes de tomar posse, por um obscuro personagem chamado Meier Zaider, cujos motivos não estão esclarecidos. (*N. do T.*)

³² Vassíli Ivánovitch Tchapáiev (1887-1919), membro do partido desde 1917, herói da Guerra Civil, eleito comandante do 138.º regimento de infantaria em Dezembro de 1917. Já como comandante de divisão, em Julho de 1919 liberta os Urais dos brancos. Foi morto em Setembro durante um ataque surpresa ao estado-maior da sua divisão. O escritor soviético Dmítri Fúrmanov imortalizou-o na novela *Tchapáiev* (1923). (*N. do T.*)

³³ Serguei Geórguievitch Lazó (1894-1920), membro do partido desde 1918, herói da Guerra Civil. Mobilizado para o exército em 1916, entra para uma organização de socialistas-revolucionários de esquerda internacionalistas. Em Outubro de 1917 participa no I Congresso dos Sovietes. Torna-se comandante das tropas da frente do Baikal, onde derrota os brancos em Janeiro de 1920. É então designado membro do Conselho Militar Revolucionário e do *Buro* do Extremo Oriente do CC do partido. Em Abril, os japoneses que derrubam o poder soviético na região, capturam-no e imolam-no com vários outros dirigentes na fomalha de uma locomotiva. (*N. do T.*)

³⁴ Nikolai Aleksándrovitch Chors (1895-1919), membro do partido desde 1918, herói da Guerra Civil. Oficial na I Guerra, é sob o seu comando que Kíev e outras cidades da Ucrânia são libertadas dos brancos. Em Agosto de 1919, é morto em combate com as tropas de Petliúra. (*N. do T.*)

³⁵ Aleksánder Iákovlevitch Parkhómenko (1886-1921), membro do partido desde 1904, herói da Guerra Civil. Comandante de destacamento, participou na defesa de Tsarisine em 1918. Foi representante do Conselho Militar Revolucionário no 10.º Exército (1918) e no 1.º Exército de Cavalaria e comandante da 14ª Divisão de Cavalaria (1919). Morto em combate contra os makhnovistas. (*N. do T.*)

Kalínine,³⁶ Sverdlov, Káganovitch, Ordjonikídze, Kírov, Kúibichev, Mikoian,³⁷ Jdánov, Andréiev,³⁸ Petróvski, Iaroslávski, Ejov,³⁹ Dzerjínski, Chadénko,⁴⁰ Mékhlis,⁴¹ Khruchov,⁴² Chvérník,⁴³ Chkiriátov⁴⁴ e outros; d) o Exército Vermelho dispunha de organizadores e

³⁶ Mikhail Ivánovitch Kalínine (1875-1946), membro do partido desde 1898, do CC desde 1919 (candidato entre 1912-17), do *Politburo* desde 1926 (candidato desde 1919). Em 1919, depois da morte de Sverdlov, é eleito presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia, tornando-se no segundo chefe de Estado da Rússia dos Sovietes e, a partir de 1922, o primeiro da URSS, presidindo o Comité Executivo Central da URSS (1922-38), órgão máximo que é substituído em 1938 pelo *Presidium* do Soviete Supremo da URSS. (*N. do T.*)

³⁷ Anastas Ivánovitch Mikoian (1895-1978), membro do partido desde 1915, do CC entre 1923 e 1976 (candidato desde 1922) e do *Politburo* entre 1935-66, (candidato desde 1926). Teve uma longa carreira política iniciada com Lénine e terminada com Bréjnev. Em 1926 é designado Comissário do Povo do Comércio Interno e Externo. Depois ocupa as pastas do Abastecimento (1930-34), da Indústria Alimentar (1934-38), do Comércio Externo (1946-49), do Comércio (1953-55). Apoiante de Khruchov, é finalmente eleito presidente do *Presidium* do Soviete Supremo, cargo que ocupa entre 1964 e 1965, mantendo-se até 1974 como membro do órgão máximo da URSS. (*N. do T.*)

³⁸ Andrei Andréievitch Andréiev (1895-1971), membro do partido desde 1914, do CC (1920-21 e 1922-61) do *Politburo* (1932-52), candidato (1926-30). Secretário do Comité do Partido do *krai* do Cáucaso do Norte entre 1927 e 1930. Em 1930 é designado comissário da Inspeção Operário-Camponesa da URSS e vice-presidente do Comissariado do Povo. Entre outros cargos foi presidente do Conselho da União do Soviete Supremo da URSS (1939-1952). (*N. do T.*)

³⁹ Nikolai Ivánovitch Ejov (1895-1940), membro do partido desde 1917, do CC (1934-39) candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o *NKVD* (1936-1938) e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS, acusado de traição ao Estado, espionagem e de ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho que se propunha derrubar o governo soviético. É executado em 4 de Fevereiro de 1940. (*N. do T.*)

⁴⁰ Efim Afanássiev Chadénko (1885-1951), membro do partido desde 1904, do CC entre 1939 e 1941 (candidato a partir de 1941). Participou na derrota dos brancos na região do Don, integrou os conselhos militares revolucionários de vários exércitos durante a Guerra Civil. Na II Guerra Mundial foi vice-comissário da Defesa da URSS (1937-40 e 1941-45). (*N. do T.*)

⁴¹ Lev Zakhárovitch Mékhlis (1889-1953), membro do partido desde 1918, do CC desde 1937 (candidato desde 1934). Trabalha no aparelho do CC e no Comissariado da Inspeção Operário-camponesa (1921-26), redactor do *Pravda* (desde 1930), chefe da Direcção de Propaganda Política do Exército Vermelho e vice-comissário da Defesa (1937-40 e 1941-42), comissário do Controlo Estatal e vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo (1940-41), ministro do Controlo Estatal (1946-50). (*N. do T.*)

⁴² Nikita Serguéievitch Khruchov (1894-1971), membro do partido desde 1918, do CC (1934-1964), do *Politburo/Presidium* do CC (1939-1964), primeiro-secretário do CC do PCUS (1953-1964), presidente do Conselho de Ministros (1958-1964). Participou na Guerra Civil. Em 1929 ingressa na Academia Industrial de Moscovo. Torna-se primeiro-secretário do Comité de Moscovo (1935), secretário do CC do partido da Ucrânia (1938-1947). Durante a II Guerra foi membro dos conselhos militares do Sudoeste, de Stalingrado, do Sul e de Varónej. Tenente-general (1943), presidente do Conselho de Comissários do Povo da Ucrânia entre 1944 e 1947 (Conselho de Ministros a partir de 1946). Em Dezembro de 1949 é eleito secretário do CC e primeiro-secretário do Comité de Moscovo. Em 14 de Outubro de 1964 é exonerado de todos os cargos no partido e no Estado. Foi o promotor do célebre «relatório secreto», por si lido ao XX Congresso, o qual constituiu um verdadeiro golpe de Estado que abriu caminho ao revisionismo precursor da *perestróika*, que veio a destruir a URSS e a restaurar o capitalismo. (*N. do T.*)

⁴³ Nikolai Mikháilovitch Chvérník (1888-1970), membro do partido desde 1905, do CC desde 1925, do *Presidium* do CC (1952-53 e 1957-66), candidato do *Politburo/Presidium* (1939-1952 e 1953-1957). Metalúrgico, dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos (1910-11), presidente do Soviete de Samara (1917), comissário das frentes Leste e Sul (1918-20), comissário da Inspeção Operário-Camponesa da RSFSR (1924). A partir de 1929 é secretário do Comité dos Urais do partido, presidente do Conselho Central de Toda a União

agitadores invulgares como eram os comissários militares, que cimentavam as fileiras dos soldados vermelhos, incutiam-lhes o espírito de disciplina e de valentia militar, suprimiam energicamente – rápida e implacavelmente – os actos de traição de indivíduos isolados do comando e, inversamente, apoiavam com coragem e firmeza a autoridade e o prestígio dos chefes militares, membros ou não do partido, que demonstravam a sua dedicação ao Poder Soviético e capacidade para dirigir com mão firme as unidades do Exército Vermelho.

«*Sem os comissários militares, não teríamos Exército Vermelho*»,⁴⁵ assinalou Lénine.

7) O Exército Vermelho venceu porque na retaguarda dos exércitos dos guardas brancos, na retaguarda de Koltchak, Deníkine, Krasnov e Wrangel, agiam na clandestinidade bolcheviques admiráveis, membros e não membros do partido, que levantavam os operários e os camponeses para a insurreição contra os intervencionistas e os guardas brancos, minavam a retaguarda dos inimigos do Poder Soviético e assim facilitavam o avanço do Exército Vermelho. Ninguém ignora que os resistentes da Ucrânia, da Sibéria, do Extremo Oriente, dos Urais, da Bielorrússia e da região do Volga, minaram a retaguarda dos guardas brancos e dos intervencionistas, prestaram um serviço inestimável ao Exército Vermelho.

8) O Exército Vermelho venceu porque o País dos Sovietes, na sua luta contra a contra-revolução dos guardas brancos e a intervenção estrangeira, não estava só, porque a luta do Poder Soviético e os seus êxitos suscitaram a simpatia e a ajuda dos proletários do mundo inteiro. Ao mesmo tempo que os imperialistas tentavam estrangular a República Soviética com a intervenção e o bloqueio, os operários destes países imperialistas estiveram ao lado dos Sovietes e ajudaram-nos. A sua luta contra os capitalistas dos países inimigos da República Soviética contribuiu para que os imperialistas fossem obrigados a suspender a intervenção. Os operários da Inglaterra, da França e de outros países intervencionistas organizaram greves, recusaram-se a embarcar armas e munições para os intervencionistas e os generais brancos e criaram «comités de acção» sob a palavra de ordem de «*Tirem as mãos da Rússia*».

«*Mal a burguesia internacional levanta a mão contra nós, os seus próprios operários agarram-lhe o braço.*»,⁴⁶ afirmou Lénine.

Breves conclusões

Os latifundiários e capitalistas derrotados pela Revolução de Outubro, em concerto com os generais brancos e em detrimento dos interesses da sua pátria, conluiaram-se com os governos dos países da Entente numa agressão militar conjunta contra o País dos Sovietes para derrubar o Poder Soviético. Nesta base foi organizada a intervenção militar da Entente e a sublevação dos guardas brancos nas regiões periféricas da Rússia, que deixou o País dos Sovietes privado dos seus centros de produtos alimentares e fontes de matérias-primas.

dos Sindicatos (1930-44 e 1953-1956) e presidente do Conselho das Nacionalidades do Soviete Supremo (1938-1946). Entre 1944 e 1946 foi presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da RSFSR, e da URSS (1946-1953). Aposentou-se em 1966. (*N. do T.*)

⁴⁴ Matvei Fiódorovitch Chkiriátov (1853-1954), membro do partido desde 1906, do CC desde 1939, do *Presidium* do CC (1952-1953). Membro da Comissão Central de Controlo (1923-34), do órgão colegial do Comissariado da Inspeção Operária-Camponesa (1930-34) e vice-presidente (a partir de 1939) e presidente (a partir de 1952) do Comité de Controlo Partidário. (*N. do T.*)

⁴⁵ «Discurso na II Conferência de organizadores responsáveis pelo trabalho no campo», 12 de Junho de 1920, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1981, Tomo 41, pág. 148. (*N. do T.*)

⁴⁶ «Discurso no Congresso de Operários e Empregados da Indústria de Curtumes», 2 de Outubro de 1920, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1981, Tomo 41, pág. 329. (*N. do T.*)

A derrota militar da Alemanha e o fim da guerra das duas coligações imperialistas da Europa permitiram o reforço da Entente e a intensificação da intervenção, criando novas dificuldades ao País dos Sovietes.

Inversamente, a revolução na Alemanha e o movimento revolucionário iniciado nos países europeus criaram uma situação internacional favorável ao Poder Soviético e aliviaram a situação do País dos Sovietes.

O partido bolchevique mobilizou os operários e os camponeses para a guerra *patriótica*, contra os invasores estrangeiros e os guardas brancos, burgueses e latifundiários. A República Soviética e o seu Exército Vermelho esmagam, um após outro, todos os protegidos da Entente: Koltchak, Iudénitch, Denikine, Krasnov e Wrangel, e expulsam Pilsudski, outro protegido da Entente, da Ucrânia e da Bielorrússia, repelindo assim a intervenção militar estrangeira e as suas tropas para fora das fronteiras soviéticas.

Deste modo, a primeira agressão militar do capital internacional contra o país do socialismo saldou-se por um completo fiasco.

Os partidos derrotados pela revolução, os socialistas-revolucionários, os mencheviques, os anarquistas, os nacionalistas, apoiaram os generais brancos e os intervencionistas durante o período da intervenção militar, organizaram *complots* contra-revolucionários contra a República Soviética e acções terroristas contra os dirigentes soviéticos. Estes partidos, que antes da Revolução de Outubro tinham uma certa influência entre a classe operária, durante o período da guerra civil foram completamente desmascarados aos olhos das massas populares como partidos contra-revolucionários.

O período da guerra civil e da intervenção armada marca a morte política destes partidos e o triunfo definitivo do partido comunista no País dos Sovietes.